

FRONTEIRAS PERMEÁVEIS: ENSINAR SOCIOLOGIA E FILOSOFIA

Álvaro de Souza Maiotti¹²
Kalina Lúgia de Almeida Borba¹³

33

Resumo: O objetivo deste artigo é esboçar uma proposta metodológica para o ensino de Sociologia apoiada em suas relações com a Filosofia. Adotou-se como ponto de partida concepções contemporâneas de Sociologia e Filosofia e suas respectivas abordagens metodológicas, considerando o contexto do ensino médio. Sociologia e Filosofia partilham de múltiplos pontos de convergência: o trânsito de pensadores entre esses dois campos do saber; a relação com o senso comum; a abordagem metodológica composta a partir da articulação entre elementos diversos; habilidades indispensáveis ao desenvolvimento integral dos estudantes e seu pleno exercício de cidadania como resultado dos processos de ensino-aprendizagem. A articulação metodológica entre as duas disciplinas pode garantir a ambas maior espaço para atuação e potencialização de habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes. De modo que se constitui como um estudo teórico, os procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica mostraram-se os mais adequados à sua realização.

Palavras-chave: Ensino Médio, Ensino de Sociologia, Ensino de Filosofia.

Abstract: The purpose of this article is to outline a methodological proposal for the teaching of Sociology based on its relations with Philosophy. Contemporary concepts of Sociology and Philosophy and their respective methodological approaches were adopted as a starting point, considering the context of high school. Sociology and Philosophy share multiple points of convergence: the transit of intellectuals between these two fields of knowledge; the relationship with common sense; the methodological approach composed from the articulation between different elements; skills essential to the integral development of students and their full exercise of citizenship because of the teaching-learning processes. The methodological articulation between the two disciplines can guarantee both more space for performance and enhancement of skills to be developed by students. So that it is constituted as a theoretical study, the technical procedures of bibliographic research proved to be the most adequate for its realization.

Keywords: High School, Sociology Teaching, Philosophy Teaching.

¹² Discente no Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO da Universidade Federal do ABC (UFABC) e no Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH - Unifesp), em nível de mestrado. Especialista em Educação e Tecnologias com habilitação em Design Instrucional (Projeto e Desenho Pedagógico) e Produção e Uso de Tecnologias para Educação (UFSCar - 2019). Especialista em Sociologia para o Ensino Médio (UnB - 2019) e Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UFSCar - 2018). cursou dois aperfeiçoamentos em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFF - 2018 e UFSCar - 2018). Licenciado em Pedagogia (UAM - 2017) e em Filosofia (Unifitalo - 2013).

¹³ Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Especialização em Educação e Tecnologias - Gestão em Educação a Distância (UFSCar), em Mídias na Educação (UnB), em Tecnologias na Educação (PUC-Rio) e em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas - Arteduca (UnB). Licenciatura em Letras (UnB) e Pedagogia (IESB) e Bacharel em Comunicação Social (UniCeub). É professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, atuando na Formação Continuada de Professores e em docência virtual (tutoria a distância).

INTRODUÇÃO

O cenário atual da educação básica paulista prevê às disciplinas de Sociologia e Filosofia um número muito reduzido de aulas semanais em cada turma de ensino médio, o que dificulta a atuação dos docentes dessas disciplinas. Pensar e efetivar novas estratégias de ensino de modo que se possa aproveitar melhor o pouco espaço que ainda lhes resta é uma tarefa mais do que necessária. Assim, o presente trabalho objetiva responder ao seguinte problema: de que modo as relações entre sociologia e filosofia podem viabilizar a elaboração de uma proposta metodológica de ensino de sociologia no contexto da educação básica? Seu objetivo não consiste em apresentar uma metodologia definitiva, mas antes em esboçar uma proposta a partir das reflexões acerca da articulação entre ensino de sociologia e ensino de filosofia. Para alcançar este objetivo, dois objetivos específicos serão considerados: estabelecer os pontos de intersecção entre os dois campos do saber; demonstrar de que maneira suas relações podem ser exploradas nas aulas com as turmas de ensino médio. O ponto de partida será a delimitação conceitual das disciplinas e de suas respectivas abordagens metodológicas.

O MODO DE PENSAR SOCIOLÓGICO: DELIMITAÇÃO CONCEITUAL E EFEITOS

Pretendendo superar as frequentes concepções que acabam por não descrever adequadamente o vasto escopo da sociologia, recorreu-se à perspectiva adotada por Bauman e May (2010). Para os autores, ela é um conjunto disciplinado de práticas que detém um considerável corpo de conhecimentos acumulados ao longo da história, e que pode ser útil tanto a quem pretende se tornar sociólogo quanto a quem apenas deseja ampliar sua compreensão acerca do mundo em que vive. É uma ciência; espaço de trocas entre o novo e o antigo, de atividade contínua que compara o aprendizado com as novas experiências e amplia o conhecimento, transformando nesse movimento sua própria forma e conteúdo.

A proximidade de fronteiras temáticas da sociologia e demais disciplinas da área de Ciências Humanas nos coloca o desafio de elucidar seus limites. Se as ações humanas e suas consequências são o tema que as conecta, a solução mais simples seria distingui-las a partir do escopo de investigação de cada uma: assim, a história se debruçaria sobre as ações humanas ocorridas no passado, a sociologia sobre as ações humanas que ocorrem no presente e assim por diante. Entretanto, ao justificar essa separação, assumimos que o mundo humano revela divisões precisas que demandam ramos especializados de investigação — o que não faz sentido se considerarmos nossa experiência do real, a incapacidade de separarmos esses domínios de atividade em nossas experiências e de categorizarmos nossas ações. O que há, portanto, é uma divisão de trabalho entre os estudiosos que investigam as ações humanas (BAUMAN; MAY, 2010).

Segundo Bauman e May (2010), não há diferença no modo como as atividades desses estudiosos são entendidas e praticadas: cada um deles procura obedecer às regras de conduta ao lidar com seus objetos de conhecimento (coletar fatos relevantes cuja validade possa ser garantida; enunciar com nitidez proposições sobre os fatos para que possam ser compreendidas e confirmadas por evidências; fazer jus à ideia de uma disciplina sistemática, apresentando seus achados de modo responsável). O que distingue cada campo do saber é o tipo de questão que o motiva, que determina o ponto de vista pelo qual as ações humanas são observadas, pesquisadas, descritas, explicadas.

A partir da perspectiva da sociologia, as ações humanas são componentes de contextos mais amplos, caracterizados pela reunião não aleatória de atores em rede de mútua interdependência. Sua principal questão é compreender de que modo os tipos de relações sociais e de sociedades em que vivemos interferem nas imagens que formamos uns dos outros, de nós mesmos e de nosso conhecimento, nossas ações e suas consequências. Questões desse tipo, que se referem às realidades práticas da vida cotidiana, constituem a área própria da discussão sociológica e definem a disciplina como ramo relativamente autônomo das ciências humanas e sociais (BAUMAN; MAY, 2010).

Para Bauman e May (2010), essa relação com senso comum é outro importante ponto de distinção: desmerecido pela maioria das ciências, esse conhecimento rico, desordenado e assistemático é fonte de questões importantes para sua prática e permanência. Ao abordar e desafiar o conhecimento que partilhamos com nossos iguais, a sociologia nos move e encoraja a reaccessar nossas experiências, a descobrir novas possibilidades e a nos tornar mais abertos à ideia de que aprender sobre si e sobre os outros é um processo dinâmico e estimulante que objetiva a maior compreensão. Ao mesmo tempo que investigam essas questões, os sociólogos são parte dessa experiência e, como tal, não conseguem desligar-se completamente do conhecimento que buscam compreender — condição vantajosa, visto que lhes permite, a um tempo, ter uma visão interna e externa dessas experiências.

O modo próprio de pensar da sociologia nos permite problematizar o entrelaçamento de nossas biografias com a história que partilhamos com os outros; nos torna mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, permitindo-nos enxergar novos horizontes além de nossas experiências imediatas. Pensar sociologicamente significa entender de um modo um pouco mais completo quem nos cerca. Isso nos permite observar melhor o indivíduo humano, parte de um coletivo, e aprender a respeitar o direito de cada um de escolher e praticar maneiras de viver conforme suas preferências, enfrentando os obstáculos com que todos se deparam, em variados graus. Esse modo de pensar tem um potencial para promover a solidariedade entre nós, solidariedade fundada na compreensão e respeito mútuos, na resistência conjunta ao sofrimento e na partilhada condenação das crueldades que o causam (BAUMAN; MAY, 2010).

ABORDAGEM METODOLÓGICA DO ENSINO DE SOCIOLOGIA

No que concerne à abordagem metodológica, Nóbrega (2015) nos convida a refletir sobre aspectos importantes que impactam os resultados dos processos de ensino-aprendizagem de sociologia: os objetivos do ensino médio em geral e da sociologia em particular, os conteúdos da disciplina nesse contexto e o ensino e as possibilidades metodológicas.

É possível observar na legislação educacional e demais documentos oficiais que o exercício da cidadania, a preparação para o mundo do trabalho e a formação ética que viabiliza o desenvolvimento intelectual e a formação do pensamento crítico consistem em alguns dos objetivos atribuídos ao ensino médio. Atribui-se também a esta etapa da educação básica uma formação integral pautada em quatro pilares: trabalho, ciência, tecnologia e cultura (NÓBREGA, 2015).

Conforme Nóbrega (2015), o trabalho é entendido, nesses documentos, como uma categoria fundamental para compreensão: das transformações e das várias formas de organização da sociedade; da grandeza das criações humanas; das contradições das relações sociais e de si, enquanto sujeito histórico que imprime sua marca no mundo por meio desta atividade. A ciência é compreendida como um conhecimento sistematizado, produzido socialmente ao longo da história. Frutos da busca pela compreensão e transformação da natureza e da sociedade, os conhecimentos científicos são transformados em tecnologia e essa, por sua vez, é vista como instrumento de mediação entre esses conhecimentos e a intervenção na realidade. A cultura é percebida como o conjunto de representações e comportamentos que indicam o modo próprio de viver de determinado grupo, e que favorecem a compreensão da diversidade e dos mecanismos de afirmação identitária de cada povo. Considerando o vasto repertório teórico, temático e conceitual da sociologia, uma formação integral pautada nos pilares acima explicitados poderia facilmente ser subsidiada por ela. Para tanto, seria necessário transformar este objetivo geral do ensino médio — a formação integral — em objetivos específicos para a disciplina.

Na perspectiva dos documentos oficiais, os objetivos da sociologia são definidos a partir do desdobramento de dois princípios epistemológicos fundamentais: a desnaturalização e o estranhamento. A desnaturalização nos permite compreender que os fatos e acontecimentos aparentemente naturais estão diretamente relacionados às nossas decisões e intervenções no mundo (NÓBREGA, 2015).

O estranhamento, por sua vez, nos auxilia a questionar os argumentos que pretendem naturalizar os fatos e acontecimentos. Para Araújo e Lima (2015), ele busca provocar nos estudantes a capacidade de espantar-se diante de situações sociais consideradas triviais. Deste modo, as teorias e os conceitos sociológicos “[...] configuram-se como ‘operadores cognitivos’ fundamentais ao exercício de problematização científica daqueles fenômenos sociais que não são imediatamente conhecidos/interpretados por apresentarem um caráter supostamente ‘normal’” (ARAÚJO; LIMA, 2015, p. 168).

Essa característica do pensamento sociológico afeta o modo de estabelecer objetivos para a sociologia enquanto disciplina escolar. Em linhas gerais, pode-se indicar como metas a compreensão do mundo social no qual se está inserido, a percepção dos discursos que explicam e justificam o mundo

social e o desenvolvimento do pensamento crítico para o pleno exercício da cidadania. Uma concepção didática que valorize esses três objetivos não pode se desobrigar de evidenciar o caráter histórico (mutável, portanto) dos conteúdos de ensino, ou se eximir de problematizar explicações deterministas e/ou naturalizadoras dos problemas cuja ação humana tem grande importância (NÓBREGA, 2015).

Quanto aos pressupostos metodológicos que fundamentam o ensino de sociologia, eles se organizam em três recortes que se combinam conforme a situação didática em questão: conceitos, teorias e temas. Criados pelos sociólogos para abordar temas diversos, os conceitos articulam-se entre si compondo teorias mais amplas. Há a necessidade de estabelecer um ponto de equilíbrio para que as discussões em sala de aula não se encerrem numa atmosfera complexa e hermética da qual apenas sociólogos profissionais tem acesso e tampouco permaneçam no âmbito simples e descompromissado do senso comum. Em razão do pouco tempo de aula e da pequena quantidade de aulas de que geralmente dispõe o professor, a sequência didática tem sido adotada como principal estratégia para organizar o processo de ensino-aprendizagem, pois ela nos permite lidar com formas diversas de socialização de informações, conceitos e teorias contemplando, assim, diferentes formas de aprendizagem (NÓBREGA, 2015).

De maneira análoga ao que fora feito para a delimitação conceitual da sociologia, adotou-se uma definição contemporânea de filosofia que abarca aspectos comuns às diversas concepções presentes em sua história e que se alinha às abordagens metodológicas mais atuais.

FILOSOFIA, ENSINO DE FILOSOFIA: DELIMITAÇÃO CONCEITUAL E EFEITOS

A natureza da filosofia gera perplexidade e desorientação, e nos induz à tentação de pôr fim a ela, de transformá-la em algo que seja mais facilmente definível ou de lhe atribuir funções que originariamente não lhe pertencem. Outra tentação é ensinar a história da filosofia e não a filosofia propriamente dita, substituindo a discussão dos problemas filosóficos pela história dessa discussão. É importante destacar que a filosofia difere das outras áreas de conhecimento apenas em grau, e não em espécie. O que as aproxima é o fato de estarem em contínuo processo de formação. Entretanto, ao contrário das demais áreas que possuem conteúdos nos quais podem se apoiar na busca pela transposição das fronteiras do conhecimento, não se sabe praticamente nada a respeito da filosofia, visto que ela se desenvolveu a partir do confronto de ideias dos filósofos que, ao longo de muitos anos de estudo, dedicaram-se à exploração de problemas e à discussão de suas soluções. Assim, considerando seu objeto de estudo, o filósofo de valer-se dos mesmos conhecimentos produzidos pelas demais áreas, ainda que eles sejam insuficientes para a resolução dos complexos problemas das fronteiras de conhecimento da filosofia (MURCHO, 2002, apud MAIOTTI, 2018).

Conforme Murcho (2002 apud MAIOTTI, 2018) os problemas da filosofia é o que deve estar no foco do seu estudo e ensino. Deste modo, é necessário possuir conhecimentos relevantes de outras áreas,

além de conhecer o momento atual de discussão desses problemas. É necessário também saber discutir problemas, utilizando as lógicas formal e informal. Deve-se partir de problemas mais simples e avançar, gradualmente, para os mais difíceis, considerando a compreensão dos filósofos e suas distintas teorias para resolvê-los, contrastando essas formas de compreensão com a própria forma de compreensão de modo a enriquecer as próprias ideias, traçando distinções e corrigindo confusões: um processo que envolve análise e comparação de múltiplas teorias, e a formulação da própria opinião ou teoria. Argumentos filosóficos são a base de sustentação das teorias filosóficas que, diferentemente de outras disciplinas, não dispõem de métodos formais de prova. A filosofia tem à sua disposição o resultado das outras ciências e a sua capacidade de refletir, de forma rigorosa e detalhada, sobre os problemas que lhe interessam.

Murcho (2002 *apud* MAIOTTI, 2018), destaca ainda a importância do espaço para discussão de ideias como um dos elementos fundamentais de uma prática de ensino de filosofia de qualidade que se desenvolve em outros momentos igualmente importantes, como o de exposição dos problemas, teorias e argumentos da filosofia por parte do professor ou o de realização de exercícios de redação de pequenos ensaios expositivos onde o estudante formula um problema, uma teoria ou um argumento sem necessariamente os discutir. A realização desses exercícios conduz os estudantes a uma autoavaliação rigorosa que resulta no desenvolvimento de habilidades fundamentais para a vida pública e cultural de qualquer sociedade, como o raciocínio acurado e o abandono dos próprios erros.

ABORDAGEM PROBLEMÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA

Assim como ocorre com as demais disciplinas que integram o currículo da educação básica, existem muitas abordagens metodológicas para o ensino de filosofia. Dentre as mais conhecidas pode-se mencionar, à guisa de ilustração, as abordagens histórica e temática, e a leitura estrutural de textos filosóficos. Contudo, essas abordagens parecem reduzir o potencial do ensino da disciplina, limitando a participação dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem: as abordagens temática e histórica, por exemplo, contém em si o risco de se transformar a aprendizagem de filosofia à apreensão isolada de conceitos ou da história da disciplina, respectivamente. O método de leitura estrutural, por sua vez, reduz a aprendizagem de filosofia à compreensão da estrutura das obras filosóficas e dos sistemas filosóficos (MAIOTTI, 2018).

Conforme Guido, Gallo e Kohan (2013 *apud* MAIOTTI, 2018), a abordagem problemática nos permite organizar os conteúdos de filosofia tendo em vista a explicitação dos problemas que mobilizaram o pensamento e a construção de conceitos pelos filósofos, conforme seu movimento de criação. Ela se fundamenta na concepção deleuziana de problema enquanto força motriz do pensamento filosófico. O problema nos move a pensar uma vez que, enquanto singularidade composta por um agenciamento de

singularidades, não apresenta uma fórmula pré-determinada, mas emerge como um desafio cuja resposta precisa ser construída.

O problema não pode ser utilizado como um artifício para a construção do pensamento; não pode ser empregado como metodologia, como etapa a ser superada no processo de construção do conhecimento filosófico. Para que seja agenciador de experiências no pensamento, ele deve ser objetivo: vivenciá-lo sensivelmente é mais importante do que a sua resolução. Isso nos conduz para a autonomia do pensamento que se realiza nessa experiência particular, real e criativa e que é possibilitada pela chamada “pedagogia do problema” (GUIDO; GALLO; KOHAN, 2013 apud MAIOTTI, 2018). Nas palavras de Maiotti (2018):

[...] o problema e sua experiência concreta tornam-se a matéria-prima de uma prática autêntica e qualitativa de ensino de filosofia, que resultará no fazer filosófico por parte dos estudantes: um processo criativo de produção de ideias que se materializa nos conceitos criados para o enfrentamento dos problemas vividos concretamente (MAIOTTI, 2018, p. 15).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em princípio, a convergência entre sociologia e filosofia pode ser atestada pelo trânsito de pensadores cujas obras, estudadas por sociólogos, filósofos e profissionais de diversas áreas, não podem ser consideradas exclusivas de determinado campo do saber. Pode-se citar, à guisa de ilustração: Marx, Weber, Gramsci, Adorno, Foucault. O principal ponto de encontro entre sociologia e filosofia, entretanto, é o senso comum. Aprendemos que os problemas experienciados concretamente constituem-se como força motriz do pensamento e que este, ao criar conceitos para enfrentá-los, cria filosofia. Dito de outro modo, a filosofia é um produto conceitual do pensamento, que surge a partir de seu esforço em enfrentar problemas reais — situação que só pode ser vivida no cenário do cotidiano, na simplicidade da vida. Há, portanto, uma íntima relação entre filosofia e senso comum visto que, a todo instante, nos mais diversos momentos do dia, mobilizamos nosso pensamento para lidar com problemas e enfrentá-los de maneira conceitual e real. De igual modo, a sociologia se vale desses mesmos conhecimentos para operar enquanto ciência. Ela também nos possibilita enxergar a relação entre nossos problemas particulares e o contexto mais amplo no qual estamos inseridos: afinal, somos parte de uma complexa rede de interdependência.

O estranhamento e a desnaturalização, principais ferramentas do pensar sociológico são úteis a todo aquele que pretende ter uma compreensão mais completa de si e do mundo que o cerca — busca constante que também é característica da filosofia. Etimologicamente, a filosofia pode ser definida como “amor pela sabedoria” ou “amor pelo saber”. Diferentemente do que possa parecer à primeira vista, ser filósofo não significa nutrir um tipo de sentimento pelo saber, mas antes ter atitudes que favoreçam a sua aproximação, tais como estranhar, desnaturalizar e problematizar as explicações dogmáticas da realidade;

argumentar de maneira lógica; investigar com cautela e profundidade os assuntos de seu interesse; estar aberto ao diálogo.

No âmbito metodológico também há semelhanças entre sociologia e filosofia. Tendo o problema como matéria prima, o ensino de filosofia não prescinde de sua história e de seus temas: é por meio da história da filosofia que se pode aprender de que forma os filósofos formularam, discutiram e resolveram problemas sobre os mais variados temas. De maneira semelhante, pautado pelo exercício de estranhamento e desnaturalização, o ensino de sociologia se fundamenta na articulação entre conceito, teoria e tema e não na abordagem isolada de um desses elementos. O conceito sempre é parte de uma teoria mais ampla que, formulada pelos sociólogos para compreender e explicar os aspectos da realidade, também nos auxilia na compreensão de si e do mundo circundante.

Sociologia e filosofia também partilham das dificuldades relacionadas ao pouco espaço nas grades curriculares da educação básica, tanto em termos de carga horária total quanto em termos de tempo de duração das aulas. Como alternativa à superação dessa dificuldade pode-se promover um intercâmbio entre as disciplinas: uma aula de sociologia sobre trabalho e sociedade contemporânea, por exemplo, pode ter sua continuidade numa aula de filosofia em que os estudantes elaboram problemas e soluções para questões relativas à sua vocação, à sua realização profissional e aos rumos da própria existência. Por outro lado, uma aula de filosofia que aborde, por exemplo, a estética de si e os significados das próprias vestes e aparência pode ter continuidade numa aula de sociologia sobre mídia, consumo e o impacto das propagandas no cotidiano das pessoas. Além de ampliar o tempo disponível de cada disciplina, esse diálogo possibilita a potencialização das habilidades desenvolvidas nos processos de ensino-aprendizagem visto que a cada aula de sociologia e filosofia os estudantes terão a oportunidade de exercitar os modos sociológico e filosófico de pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, há muitos pontos de intersecção entre sociologia e filosofia, e muita similaridade em suas respectivas estratégias metodológicas. Isso nos permite imaginar inúmeras possibilidades de enriquecer as aulas de sociologia, potencializando as habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes. De modo que os debates quanto ao ensino de sociologia na educação básica permanecem ativos, pretendemos acrescentar nossa contribuição propondo a articulação entre sociologia e filosofia como alternativa para a superação das presentes dificuldades de ambas as disciplinas quanto ao seu espaço nos currículos escolares.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M; LIMA, J. G. S. A. A relevância do ensino de sociologia e de filosofia para a formação dos jovens no séc. XXI. *Revista HOLOS*, vol. 4, p. 166-176, 2015.

BAUMAN, Z; MAY, T. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MAIOTTI, Á. S. *Entre as sendas da literatura: um ensaio metodológico para o ensino de Filosofia*. 2018. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Novo Hamburgo, 2018.

NÓBREGA, J. A. S. Elementos para se pensar sobre a didática da Sociologia no ensino médio. *Em Debate*, Florianópolis, vol. 14, p. 101-121, 2015.